

claramente a impressão de nos encontrarmos aqui mais próximos de um berço para a história como atitude, como conceito e como método. O seu aparecimento em Israel aconteceu com várias tonalidades semelhantes às do percurso historiográfico de outros povos orientais. A História Javeísta «é o primeiro grande ensaio de uma teologia histórica em Israel» (p. 181). Mas os reinados de David e Salomão tornaram-se o motor e simultaneamente o cerne de um novo modelo de historiografia que contém já o essencial do nosso conceito para a mesma. E este núcleo foi evoluindo, por processos e através de vicissitudes complexas, conduzindo a um conjunto historiográfico designado como História Deuteronomista, empreendimento que exprimiu uma cadeia de solidariedade hermenéutica entre várias gerações e épocas, daí resultando o mais significativo conjunto historiográfico da Bíblia. A análise aqui empreendida foi, mesmo assim, voluntariamente selectiva, de entre os vários conjuntos historiográficos que a Bíblia apresenta.

Depois destes capítulos de análise sobre os modelos historiográficos de cada uma das culturas, o Autor faz, em epílogo, uma rápida mas muito estimulante e sugestiva síntese comparativa dos vários horizontes perscrutados e encerra assim lapidarmente: «A nossa historiografia está subjugada às imagens e ao modelo que Israel criou e não se pode libertar deles, mesmo que o queira» (p. 248).

Em suma, este excelente livro constitui a mais promissora e sugestiva pedra angular para a colecção que auspiciosamente vem inaugurar.

José Augusto Ramos

JOHN G. GAMMIE e LEO G. PERDUE (edit.), *The sage in Israel and the Ancient Near East*, Winona Lake, 1990, ISBN 0-931464-46-3, 545 pp.

Se na cultura de uma sociedade encontramos a expressão mental de todas as complexidades da sua vida, o sábio deve ser uma das mais expressivas personificações dessa riqueza. É, por isso, inteiramente justificado que a Editora Eisenbrauns, cuja actividade editorial está voltada sobretudo para as civilizações do Próximo Oriente antigo, tenha decidido coordenar trinta e seis produções de especialistas de vários países para focarem com toda a luz este objectivo.

A primeira secção examina o sábio tal como se nos apresenta na literatura. Rivkah Harris, professora em Chicago, foca a importância da mulher assumindo funções de sábio, na Mesopotâmia e, com

algumas diferenças, no Egito (pp. 3-17). Ronald J. Williams, professor jubilado da Univ. de Toronto, especifica os aspectos que integram a figura do sábio, no Egito (pp. 19-30). Para a Suméria, é Samuel N. Kramer que estuda as funções do sábio como humanista e como funcionário do templo e do palácio (pp. 31-44). Ronald F. G. Sweet, professor também da Univ. de Toronto, trata do sábio na literatura académica, mas tomando uma interessante e útil perspectiva filológica, desbravando selvas de palavras frequentemente descoordenadas, ao primeiro olhar. O vocabulário da sabedoria é particularmente aplicável aos reis, mesmo quando analfabetos, e a um grupo social dotado de determinadas competências; mas não é aplicado a muitos outros grupos de pessoas detentores de determinadas técnicas e capacidades, mesmo bem considerados e importantes (pp. 45-65). Loren R. Mack-Fisher, investigador em Covelo, Califórnia, percorre a literatura didáctica de Ugarit à procura do espaço mais adequado para o sábio, sublinhando as diferentes conotações suscitadas pelo conceito de sábio e pelo de escriba (pp. 67-80). James R. Russell, professor da Univ. de Columbia, trata o tema do sábio na literatura iraniana antiga, notando que a sabedoria é o mais evidente ponto de contacto entre a humanidade e a divindade (pp. 81-92).

A segunda secção procura definir mais concretamente o lugar do sábio na sociedade, sobretudo no espaço da corte dos reis (do Egito: R. J. Williams, pp. 95-98; da Mesopotâmia: R. F. G. Sweet, pp. 99-107; de Ugarit, L. R. Mack-Fisher, pp. 109-115; de Jerusalém: Walter A. Brueggemann, professor em Columbia, pp. 117-132, e J. R. Russell, pp. 141-146; e finalmente nas cortes helenísticas, J. G. Gammie, da Univ. de Tulsa, pp. 147-153). A concluir este longo mosaico sobre a presença do sábio nas instituições políticas, Carole R. Fontaine, professor em Andover, Massachussets, trata do sábio na família e na tribo (pp. 155-164) e André Lemaire, da Sorbonne, Paris, estuda a função do sábio na escola e no templo, onde frisa as suas conhecidas posições, segundo as quais a sabedoria em Israel estava sobretudo associada às escolas sediadas particularmente em Jerusalém e no âmbito das quais se deveria colocar a génese e a transmissão da principal literatura sapiencial bíblica (pp. 165-181).

A terceira e quarta secções destinam-se por inteiro a traçar o retrato do sábio em Israel, primeiramente nos livros sapienciais e depois nos restantes. Cláudia V. Camp, da Univ. Cristã do Texas, trata das mulheres a exercer funções de sábio (pp. 185-203). James L. Crenshaw, da Univ. de Duke, trata dos três principais contextos de aprendizagem em Israel, segundo o livro dos Provérbios (pp. 205-216). Anthony R.

Ceresko, da Univ. de St. Michael, Toronto, versa a figura do sábio nos Salmos, de onde emerge uma fusão entre sabedoria e piedade iaveísta (pp. 217-230). Samuel Terrien, do Hebrew Union College e da Univ. de Columbia, trata de Job, personagem do livro com o mesmo nome, como sábio, concluindo que o herói literário é o duplo do próprio poeta, ambos sábios (pp. 231-242). Rainer Albertz, da Univ. de Siegen, Alemanha, aborda a imagem do sábio ainda no livro de Job, vista pela perspectiva dos amigos do mesmo Job, a qual traduz uma dramática crise (pp. 243-261). Roland E. Murphy, da Univ. da Duke, aborda o sábio no livro do Eclesiastes e particularmente a figura de sábio representada pelo herói deste mesmo livro, chamado Qohelet (pp. 263-271). Tikva Frymer-Kensky, do Seminário Rabínico de Filadélfia, estuda o sábio no Pentateuco (pp. 275-287). P. Kyle McCarter Jr. versa o sábio na História Deuteronomista, desembocando no triunfo da Torá (pp. 289-293). Raymond C. Van Leeuwen, do Seminário Calvinista de Grand Rapids, Michigan, estuda o sábio na literatura profética, na qual os sábios aparecem frequentemente colocados no campo oposto ao dos profetas (pp. 295-306). Josep Blemkinsopp, da Univ. de Notre Dame, completa o exame da figura do sábio nos livros do Antigo Testamento, analisando os conceitos de sábio, escriba e escribalismo na obra do Cronista (pp. 307-315).

Na quinta secção estuda-se o sábio desde antes do encerramento do Cânon Hebraico até aos tempos pós-bíblicos. George B. Kerferd, da Univ. de Manchester, estuda o sábio na literatura filosófica helenística de 399, a. C., até 199 d. C. (pp. 319-328). Benjamin Fiore, do «Canisius College», estuda o tema do sábio em certos géneros literários helenístico-romanos, nomeadamente cartas filosóficas, discursos políticos, história, comédia e romances (pp. 329-341). John J. Collins, da Univ. de Notre Dame, apresenta a imagem do sábio na literatura apocalíptica e pseudepigráfica, onde se observa um processo de transcendentização da ideia de uma sabedoria vista como hipóstase (pp. 343-354). John G. Gammie apresenta o posicionamento equilibrado do livro de Ben Sira situado no contacto entre a sabedoria tradicional hebraica e a helenista (pp. 355-372). Carol A. Newsom, da Univ. de Emory, analisando as funções sapienciais do *maskil*, na literatura de Qumrân, verifica de que maneira se mantêm os temas tradicionais da sabedoria no horizonte específico de uma seita (pp. 373-382). David Winston, da Graduate Theological Union, de Berkeley, estuda a maneira entusiasta como o livro da Sabedoria se posiciona a favor da sabedoria, mas rejeitando simultaneamente, de um lado, as tendências esotéricas (mistérios) e, do outro, os interesses sectários manifestos

em Qumrân (pp. 383-397). Alguns aspectos inovadores da interferência dos temas sapienciais na figura de Jesus são tratados por Bernard Brandon Scott, professor de Novo Testamento em Tulsa (pp. 399-415). Stevan D. Fraade, da Univ. de Yale, elabora os dados da época rabínica sobre o entendimento que o judaísmo fazia de si mesmo como sendo uma comunidade de sábios rodeados dos seus discípulos e aplicados à meditação da Torá (pp. 417-436).

A última secção, em modo conclusivo, sumaria a evolução do conceito e das imagens do sábio entre os Hebreus no I milénio, antes de Cristo. Michael Fishbane, da Univ. de Brandeis, foca as modificações da auto-consciência da própria função de sábio, desde o escriba pós-exílico ao rabino da época judaica (pp. 439-456). Leo G. Perdue, da Univ. Cristã do Texas, estuda as relações entre concepção cosmológica e ordem social, na tradição sapiencial (pp. 456-478).

Encerrando o volume, um dos editores, entretanto falecido, sintetiza a evolução da sabedoria, durante o I milénio, a. C., segundo três vectores marcantes, o da escatologização, o do toraização e o da profetização (pp. 479-497), três destinos decisivos.

Sobre vinte e dois aspectos específicos deste tema oferecem-se, no final, catorze páginas de bibliografia seleccionada e variados índices completam este verdadeiro tratado sobre o sábio ñas sociedades e na cultura do Próximo Oriente antigo.

José Augusto Ramos

EDOUARD LIPINSKI (dir.), *Dictionnaire de la civilisation phénicienne et punique*, Brepols, Turnhout/Paris, 1992, 502 pp. + 16 de ilustrações. ISBN 2-503-500033-1.

O aparecimento deste dicionário deve ser celebrado, em primeiro lugar, por se apresentar, no género enciclopédico, como o primeiro para a civilização fenícia, tanto no seu núcleo mediterrânico oriental, durante a respectiva idade clássica, como na multiplicidade das marginalidades derivadas das suas múltiplas expansões e evoluções. Mesmo no domínio linguístico, não dispúnhamos de mais do que dois ou três dicionários para o conjunto do fenómeno fenício. Em segundo lugar, será calorosamente acolhido por constituir um utilíssimo instrumento de organização de dados, neste domínio caracterizado por uma grande dispersão historiográfica. Esta dispersão é directamente dependente do facto de, da movimentada história dos Fenícios, nos ter ficado